

## O POSITIVISMO SOCIOLÓGICO DE CONDORCET A MAX WEBER – UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICO CRÍTICA

Jeison Giovani

Heiler<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo aborda a questão do positivismo sociológico sob um ponto de vista histórico-crítico. Espera-se demonstrar que o positivismo foi uma etapa do pensamento humano necessária e cumpriu na sua fase inicial com um importante papel que poder-se-ia chamar de revolucionário. Mas com Comte e depois Durkheim ele enveredou-se por um caminho de determinismo mecanicismo circular de onde as ciências sociais não conseguiram mais sair. Quais resquícios as ciências sociais e em especial a sociologia guardam ainda deste pensamento é uma questão que se espera responder desde os autores da escola de Frankfurt. Por outro lado, o pensamento pós-moderno em Boaventura de Souza Santos, aponta o esgotamento das ciências modernas e a impossibilidade de equacionar os dilemas da modernidade com apelo às suas próprias ferramentas.

**Palavras-chave:** Epistemologia. Positivismo. Sociológico. Ciências Sociais. Max Weber. Pós-modernidade.

### ABSTRACT

The article addresses the issue of positivism in a sociological positivism in a historical-critical point of view. Its expects to show that positivism was a need stage of the human

<sup>1</sup> Jeison Giovani Heiler - Mestrando no Programa de Pós Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. É Bacharel em Direito e possui Pós-Graduação em Direito Previdenciário. Professor no Centro Universitário de Jaraguá do Sul – UNERJ – Jaraguá do Sul, SC – jeisonheiler@gmail.com

thought and in its initial phase with made an important role that could be called revolutionary. But with Comte and Durkheim it took a way of circular determinism mechanism from where the social sciences were unable to escape. What remainders the social sciences and especially sociology still keep thinking, this is an issue that is expected reply since the authors of the Frankfurt school. On the other hand, the postmodern thought in Boaventura de Sousa Santos, indicates the exhaustion of modern sciences and the inability to consider the dilemmas of modernity to appeal to its own tools.

**Keywords:** Epistemology. Positivism Sociological. Social Sciences. Max Weber. Postmodernity.

O positivismo foi uma etapa do pensamento humano necessária e cumpriu na sua fase inicial com um importante papel que pode-se chamar de revolucionário. Mas com Comte e depois Durkheim ele enveredou-se por um caminho de determinismo mecanicismo circular de onde as ciências sociais não conseguiram mais sair. Quais resquícios as ciências sociais e em especial a sociologia guardam ainda deste pensamento é uma questão que se espera responder desde os autores da escola de Frankfurt. Aqui pretende-se demonstrar como o positivismo sofreu uma grande virada, de pensamento utópico-revolucionário desde Condorcet e Saint-Simon, a absolutamente conservador a partir de Comte. Por outro lado, o pensamento pós-moderno em Boaventura de Souza Santos, aponta o esgotamento das ciências modernas e a impossibilidade de equacionar os dilemas

da modernidade com apelo às suas próprias ferramentas.

Dentre suas características aceitas majoritariamente, o positivismo pode ser resumido à três idéias principais: a) A sociedade humana é regulada por leis naturais, invariáveis, independentes da ação humana. Assim, portanto, o que reina na sociedade é uma harmonia semelhante à da natureza, uma espécie de harmonia natural; b) A abordagem metodológica, conseqüentemente, é idêntica à abordagem das ciências naturais, e c) as ciências sociais devem funcionar segundo o mesmo modelo de objetividade científica das ciências naturais, ou seja, livre de juízos de valor. Para não dizer: neutra.

Embora Comte seja considerado o fundador do positivismo (Sell, 2002, p. 33), não pode-se negligenciar que o filósofo Condorcet foi o primeiro a formular de maneira mais precisa a idéia de que a ciência da sociedade deve tomar o caráter de uma matemática social. Condorcet propunha uma teoria da sociedade que fosse livre de preconceitos e interesses, verdadeiramente objetiva. Ele era contrário ao controle do conhecimento social da Igreja, do poder feudal e do Estado Monárquico. Tratava-se de eliminar do conhecimento social, assim como se fazia com as ciências físicas, os interesses e paixões em jogo. Ou seja, tratava-se de *“eliminar do conhecimento social as doutrinas teológicas,*

*os argumentos de autoridade papal, a autoridade de São Tomás de Aquino, enfim, todos os dogmas fossilizados”*. (LÖWY, 2000, p. 37) Percebe-se, portanto, uma tentativa do positivismo nas suas origens, de buscar um rompimento com as limitações ao desenvolvimento do conhecimento impostas pelo pensamento teológico, e monárquico principalmente. A exemplo do que ocorrera com as ciências naturais que refutaram importantes dogmas da igreja, tornando possível o desenvolvimento do conhecimento científico. Por todos, veja-se o exemplo do que foi o rompimento causado pelo pensamento de Galileu Galilei e Nicolau Copérnico no âmbito das ciências naturais. Tinha-se aí, um ótimo exemplo a ser seguido, como se acreditava então, também pelas ciências sociais.

Discípulo direto de Condorcet, Saint-Simon vai ser o primeiro a utilizar o termo positivo aplicado à ciência: Ciência Positiva (LÖWY, 2000, p. 38). Saint-Simon pretendeu formular uma ciência da sociedade segundo o modelo biológico, especificamente, a fisiologia. Ele chama a nova ciência de fisiologia social. Ele era um socialista utópico e como tal, sua análise assumia essa dimensão.

Sua fisiologia social tinha por finalidade demonstrar que, por exemplo, certas classes sociais são parasitas do organismo social, referindo-se à Aristocracia e ao Clero. Neste caso, a fisiologia social tem uma força crítica revolucionária de oposição à ordem

estabelecida. Fator que deixa de ser o enfoque do positivismo a partir de Augusto Comte.

Para perceber nitidamente essa mudança vale a pena, comparar, a fisiologia social de Saint-Simon, com a biologia social de Durkheim. É notável o aspecto crítico existente no positivismo até Comte na seguinte abordagem concreta formulada por Durkheim: No estudo da divisão social do trabalho ele faz uma pergunta que é fundamental em toda a sua obra: Por que certos órgãos do corpo são privilegiados? Para ele a sociedade é um organismo (assim como Saint-Simon), as classes sociais dentro da sociedade são os órgãos, cada uma delas é uma parte desse organismo vivo que é a sociedade. Diz Durkheim que da mesma maneira que um corpo vivo, certos órgãos recebem mais sangue, mais nutrição, o sistema encefálico, por exemplo, porque são mais importantes. Assim, certas camadas que desempenham o papel de cérebro da sociedade devem também ser privilegiadas. Portanto, um fenômeno natural, necessário. Desta forma a desigualdade social se explica naturalmente. Qual a diferença para a abordagem de Saint-Simon? O posicionamento. Alguém poderia julgar, como ele de fato o fez, que as classes privilegiadas não têm nada de cerebral, e muito mais de parasitário e vice-versa. Além disso, para Durkheim, como a sociedade era comparada à um corpo, não fazia sentido transformá-la. *“Para a sociologia a única*

*solução possível para os problemas era preservar (conservar) a sociedade”.* (Sell, 2002, p. 85).

### **O positivismo a partir de Augusto Comte – A virada conceitual**

Mas o que mudou, então, a partir de Comte? Com Augusto Comte ocorre uma mudança radical no rumo que estava tomando o positivismo. Tal guinada deve-se à mudança de posição ocupada pela burguesia. Uma situação histórica que se inaugura a partir de 1830, quando a burguesia passa a enquadrar-se como classe dominante na França. A partir desse momento a burguesia deixa de ser contestadora do velho regime, para ocupar uma posição conservadora. Esse sentido fica latente na análise da modernidade enfrentada por Boaventura de Souza Santos na sua *Crítica à Razão Indolente*

O determinismo mecanicista é o horizonte certo de uma forma de conhecimento que se pretende utilitário e funcional, reconhecido menos pela capacidade de compreender profundamente o real do que pela capacidade de o dominar e transformar. No plano social, é esse também o horizonte cognitivo mais adequado aos interesses da burguesia ascendente, que via na sociedade, em que começava a dominar, o estágio final da evolução da humanidade. (SANTOS, 2000, p. 64-5).

Na virada de posicionamento, Comte atribui um sentido absolutamente diverso daquele empregado por Saint Simon e Condorcet à palavra *preconceito*

“Para o positivismo em sua fase utópica, o termo preconceito serve a uma função revolucionária e crítica – é sempre o preconceito das classes dominantes, preconceito clerical, absolutista, obscurantista, fanático, intolerante, dogmático; com Comte esse sentido muda (...) de uma luta utópica, crítica, negativa, revolucionária, passa a ser uma luta conservadora. Comte se queixa da disposição revolucionária de Saint-Simon, com as quais ele está inteiramente em desacordo. Ele explica que seu método positivo deve se consagrar teórica e praticamente à defesa da ordem real.” (LÖWY, 2000, p. 39)

A partir desse novo enfoque Comte formula a sua concepção de ciência social, a que ele vai chamar de *física social* “A física social é uma ciência que tem por objeto o estudo dos fenômenos sociais, considerados no mesmo espírito que os fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos”. (Comte, 2001, p. 47 )

Isso significa que os fenômenos sociais, como a lei da distribuição de riquezas e do poder econômico, são leis invariáveis. Comte considera, assim, uma tarefa importante da sociologia explicar aos proletários essas leis invariáveis, porque são precisamente os proletários que precisam ser

convencidos desse caráter natural da concentração indispensável das riquezas nas mãos dos chefes industriais. “*Ele espera que graças ao positivismo os proletários reconhecerão com a ajuda feminina, as vantagens da submissão e de uma digna irresponsabilidade*” (Comte, 2001, p. 58)

Os dois caminham juntos: a submissão da mulher e do proletário, resultando ambos de lei naturais, invariáveis. LÖWY, 2000 lembra que Marx tem uma nota de rodapé irônica em *O Capital* sobre a obra de Comte, onde ele diz:

Augusto Comte e sua escola procuram demonstrar a necessidade eterna dos senhores do capital. Eles poderiam com os mesmo argumentos, demonstrar a necessidade eterna dos senhores feudais” (MARX, *O Capital*, p. 78)

Durkheim, discípulo direto de Comte não rompeu com esse viés do positivismo, afirmando nas *Regras do Método Sociológico*:

A ciência social não podia progredir enquanto não havia estabelecido que as leis da sociedade não são diferentes das que regem o resto da natureza e que, portanto, o método que serve para descobrir essas leis não é diferente do método que se aplica nas ciências naturais. (Durkheim, 1998, p. 89)

Durkheim na formulação do seu método apregoa a necessidade de não tomar posição por nenhuma doutrina social. Afirma também que o sociólogo deve calar seus preconceitos

e suas paixões, e que deve afastar todas as prenoções. Durkheim desta forma incorria em soluções absolutamente psicologizantes para o problema da objetividade e imparcialidade científica.

A objetividade científica positivista, desta maneira, significa que o sociólogo que está enterrado no pantanal de suas pré-concepções, de suas visões de mundo, de seus valores, sai desta armadilha puxando-se pelos próprios cabelos, para lembrar a famosa metáfora do Barão de Münchhausen, que enterrado no pântano montado em seu cavalo tem a idéia genial de puxar-se a si do lodaçal pelos próprios cabelos para salvar-se daquela trágica situação.

Observa-se assim que os próprios positivistas não lograram êxito em se libertar de suas prenoções conservadoras a despeito de todo o esforço empreendido. Assim, pode-se dizer que o esforço em se libertar destes preconceitos foi tamanho, que a sociologia pouco avançou enquanto conhecimento científico. Parece ser nesse sentido a afirmação de Domingos quando diz, comentando o trabalho de Durkheim na obra *O Suicídio*:

A impressão que resta é que o sociólogo passa ao largo da coisa (o suicídio) e fica girando em torno do fenômeno, comparando, medindo, correlacionando, e que o essencial não é respondido: por que afinal alguém se suicida?" (Domingos, 2004, p. 242).

## Max Weber – O crepúsculo dos deuses

Max Weber inicia um processo de desconstrução de alguns dos pilares mais caros ao positivismo. Aproveitando-se dos ensinamentos filosóficos de Rickert que introduziu a idéia da infinitude da realidade, afirmando a impossibilidade do conhecimento total de qualquer fato social, dissociando a partir daí completamente as ciências naturais das ciências históricas, Weber introduz a idéia de que a ciência da sociedade implica necessariamente uma relação com valores

Pode-se perceber que a partir da idéia de Rickert acerca da infinitude da realidade que não pode ser abarcada pela ciência social em sua totalidade Weber constrói a tese dos tipos ideais:

Obtém-se um tipo ideal mediante a *acentuação unilateral* de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isolados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento". (Weber, 1991, p. 106)

Nessa *acentuação* é que vão se inserir os valores do intérprete social. Os fatos são selecionados em referência à valores. Weber assim assume a interferência de valores nas ciências sociais. Entretanto ele elaborou uma

espécie de imperativo categórico para os cientistas sociais: a separação rigorosa dos juízos de fato e valor no processo de análise empírica da realidade. Weber retoma uma célebre formulação matemática que diz o seguinte: *“Premissas no indicativo não podem levar a nenhuma conclusão no imperativo”*. (Löwy, 2000, p. 52). Com isso ele quer dizer que não pode haver nenhuma relação lógica dedutiva entre fatos e valores, ou vice-versa. *“Os fatos que são indicativos, e os valores, que são imperativos, são esferas heterogêneas, que pertencem a universos distintos”*.

Assumindo a interferência axiológica nas ciências sociais Weber se afasta por completo do método utilizados nas ciências naturais, e o faz em parte com o auxílio de uma curiosa metáfora: o “crepúsculo dos deuses”. Ele critica os positivistas por acreditarem que o crepúsculo dos deuses (valores religiosos, culturais) ocorrido nas ciências naturais, poderia se estender também para as ciências sociais. Como se os valores, as crenças, as ideologias, fossem, empalidecendo, baixando até desaparecer, como o sol que entra no crepúsculo.

Entretanto, Weber admite a interferência valorativa somente na primeira etapa da pesquisa científica, na sua formulação, na definição do objeto, do recorte social, ou na elaboração da pergunta de pesquisa:

O autor deve indicar claramente quais os valores que determinaram sua escolha, a fim de não enganar os seus leitores (...) Uma crítica do capitalismo baseada em escolhas socialistas é legítima se os valores que lhe servem de referência estiverem claros, pois só é válida do ponto de vista socialista” (Freund, 1980, p. 236)

Na etapa que se segue, no momento da resposta, Weber mantém o apelo para a neutralidade axiológica:

Na condução da pesquisa todas as considerações pessoais do autor (seus juízos de valor ou axiológicos) deveriam ser colocados de lado. Na pesquisa o sociólogo só pode emitir juízos de fato (...) Em outros termos, tanto em relação a problemas éticos quanto políticos, as ciências sociais deveriam ser, rigorosamente, ciências neutras. (Sell, 2002, p. 132)

Desta forma Weber acaba por negar, assumidamente, qualquer relação da teoria sociológica com a prática *“as ciências tanto as normativas quanto as empíricas, podem prestar apenas um único serviço aos políticos e aos partidos concorrentes, que é informá-los.”* (Weber, 1991, p. 86).

Esta negativa decorre da impossibilidade, abordada mais acima, de estabelecimento de relações lógicas entre fatos e valores (indicativos e imperativos) Contudo, o que talvez possa ser o tendão de aquiles da obra weberiana é que, embora possa não se estabelecer aí uma *relação*

*lógica* matemática, pode se engendrar uma importante *relação sociológica*. Ou seja, o conhecimento de certos fatos (indicativo) pode levar a um *agir* político. Uma vez que a apreensão dos fatos pode alterar o nível cognoscente, o horizonte hermenêutico do indivíduo, levando-o a adoção de novas posturas: valores.

Um outro ponto de crítica à formulação weberiana reside naquela sua concepção de que os juízos de valor devem estar presentes apenas no momento inicial da pesquisa. E que seria possível seu afastamento no momento do processo de produção do conhecimento. Weber parece não se dar conta de que “*a formulação das perguntas, já define em boa medida o conteúdo mesmo da investigação: quem formula a pergunta já formula em certa medida a resposta*” (Löwi, 2000, p. 53).

Este parece ser o grande drama da teoria de Weber. A despeito da envergadura de toda a sua produção, a sua solução no final das contas acaba descambando para algo parecido com a clássica metáfora do Barão de Münchhausen. E o imperativo categórico pelo ascetismo axiológico na produção científica não passa de um grande chamado, ainda com fortes resquícios psicologizantes.

No final das contas, pode-se chegar à conclusão, com Boaventura de Souza Santos (2000), que o drama weberiano é insanável. É sempre às voltas dele é que o pensamento moderno parece estar a debater-se.

Boaventura resgata que “*a ciência moderna constituiu-se em oposição ao senso comum, que considera superficial, falso, ilusório*”(2000, p. 107). Entretanto, ao lembrar Nietzsche, quando diz que “*todo conhecimento entre os homens visa que cada um possa ler na alma do outro, sendo a linguagem comum a expressão sonora dessa alma comum*” (2000, p. 109) Boaventura parece estar a advogar a reconciliação entre a ciência e o senso comum, com vistas a um conhecimento emancipatório

A ciência moderna ensinou-nos a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. Para o conhecimento-emancipação, esse ensinamento é experienciado como uma carência, a falta de um novo senso comum emancipatório. O conhecimento emancipação só se constitui enquanto tal na medida em que se converte em senso comum. (SANTOS, 2000, p. 108)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTTOMORE, Tom. NISBET, Robert. *Marxismo e Sociologia*. In BOTTOMORE, Tom. NISBET, Robert. (orgs). *História da Análise Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar eds. 1980. p. 167–204.
- DURKHEIM. Émile Durkheim. *As regras do método sociológico*. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1974.

LÖWY, Michel. *Ideologias e Ciência Social*. 11 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FREUND, Julien. (1980), *A sociologia alemã à época de Max Weber*. In Bottomore, T. e Nisbet, R. (orgs). *História da Análise Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar eds. Pags. 223 a 249

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Ed. Anita Garbaldi, 2001.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Disponível em <http://www.supervirtual.com.br> Acesso em 03/10/2008.

MASSELLA, Alexandre Braga. *Epistemologia das ciências humanas: (Tomo I: positivismo e hermenêutica: Durkheim e Weber)*. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 0, n. 57, Feb. 2005. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01029092005000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01029092005000100013&lng=en&nrm=iso). access on 22 July 2009. doi: 10.1590/S0102-69092005000100013.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A Crítica da Razão Indolente*. Contra o Desperdício da Experiência. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica: Durkheim, Weber [e] Marx*. 2. ed. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2002.

WEBER, Max. *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 11. Ed São Paulo: Pioneira, 1996.